

**SUJEITO, ESPAÇO E IDENTIDADE
EM “A MULHER QUE PRENDEU A CHUVA”,
DE TEOLINDA GERSÃO**

Fabiana de Paula Lessa Oliveira (UFRJ)

fabiana-lessa@ig.com.br

Marlene dos Anjos (UFRJ)

mrlndosanjos2@gmail.com

Objetiva-se, nesta comunicação, analisar o conto “A mulher que prendeu a chuva”, de Teolinda Gersão, escritora portuguesa contemporânea que revisita a mitologia africana, pondo frente a frente dois universos culturais marcados pela diferença: o europeu e o africano. E a consequência desse encontro é de estranhamento ou respeito e tolerância diante da diversidade? O conto nos apresenta o cotidiano de um homem, narrador-personagem, que viaja frequentemente a Lisboa a negócios, nem sempre se sente à vontade na cidade, mas “muitas coisas insólitas já não [o] surpreend[e]m” (GERSÃO, 2007, p. 77), embora o aborreça, tais como os acontecimentos de sua última estada: o quarto que reservara em um hotel (de cinco estrelas) estava ocupado; duas funcionárias, de origem africana, entraram na suíte para a limpeza antes de sua saída, causando-lhe incômodo; enfim, percebe-se um questionamento por que isso acontece na capital do país. Delineia-se a discussão em torno de centro e periferia. Além disso, as mulheres não notaram a presença do hóspede, conversavam livremente, até que uma delas começa a contar a história da mulher que prendeu a chuva. Inicialmente, o narrador pensa em pedir-lhes que saíssem e voltassem depois, mas foi sendo envolvido na trama. Ficou ouvindo, enquanto arrumava a mala. Ao final, sentiu-se subitamente desconfortável e rompeu a porta, surpreendendo as “criadas negras” (GERSÃO, 2007, p. 79). Portanto, nesse espaço de trânsito/passagem, observa-se um desencantamento com esse mundo outro. E os sujeitos vão se repensando e sendo repensados. Como fundamentação teórica, temos: Eduardo Lourenço, Homi K. Bhabha e Stuart Hall, entre outros.